

Sobre a construção da marginalidade no mesmerismo*

Maurício da Silva Neubern

*Instituto Milton H. Erickson de Brasília (IMHEB)
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP)*

RESUMO

O presente trabalho procura destacar alguns processos de ordem sociocultural que contribuíram de maneira significativa para a marginalização do mesmerismo na França. Criticando as perspectivas lineares e progressistas da história da psicologia, o artigo destaca como as instituições sociais francesas, como a Igreja, o Estado e as Academias de Ciência encarnaram o princípio de regulação social diante das diversas ameaças existentes naquela proposta terapêutica, fosse por princípios epistemológicos incompatíveis com a racionalidade dominante, fosse devido a sua associação com movimentos subversivos e com a crítica social ao sistema político vigente. Destaca ainda como que o papel da mulher na sociedade e o componente erótico das relações terapêuticas também oferece subsídios para uma acentuada rejeição do mesmerismo. Conclui, por fim, que como a marginalização desta proposta não se deu especificamente devido a problemas metodológicos, como frequentemente consta nas referências históricas, torna-se necessária uma nova atitude diante da história da psicologia que possa compreender com mais pertinência as relações da ciência com seus princípios epistemológico e com o contexto sociocultural onde se insere.

Palavras-chave: Mesmerismo; história; epistemologia; instituições; subjetividade.

ABSTRACT

On the construction of the marginality in mesmerism

The present work focuses on some socio-cultural issues that contributed somewhat significantly to the marginalization of Mesmerism in France. As a way of criticizing both the linear and the progressive perspectives in the history of Psychology, this article deals with how the French social institutions such as the Church, the State and the Academy of Science have embodied the principle of social regulation confronting the many existing threats in the therapeutic principal, either by epistemological principals not compatible with the dominant rationality or due to the association with subversive movements and the social criticism of the political system at the time. Such article also highlights how the role of women in the society and the erotic component of the therapeutic relations offered subsidies to a serious rejection of Mesmerism. It finally concludes that as the marginalization of such a principal did not specifically happened because of methodological problems, as it appears to be so in historical references, a new attitude regarding the history of Psychology is needed in order to comprehend more accurately the relations between this science and its epistemological principals within the present socio-cultural context.

Keywords: Mesmerism; history; epistemology; institutions; subjectivity

Atualmente, uma série de revisões históricas propõem novas perspectivas de entendimento sobre os acontecimentos envolvendo Mesmer e sua proposta terapêutica – o magnetismo animal ou mesmerismo (Carroy, 1991; Chertok e Stengers, 1989; Crabtree, 1993; Laurence e Perry, 1988; Méheust, 1999). Tais estudos rompem com a idéia linear e por vezes parcial de que o mesmerismo tenha sido apenas inconsistente diante das exigências metodológicas que mais tarde

poderiam finalmente serem satisfeitas por uma psicologia enfim científica (Stengers, 2001). Questionam a série de erros existentes no processo de avaliação¹ levado a cabo pelas comissões oficiais (Chertok e Stengers, 1989; Méheust, 1999), como também apontam para uma diversidade de fatores do contexto social da época que contribuíram significativamente para a oposição sistemática criada contra o mesmo: a subversão social que existia potencialmente em seus pres-

* Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa "O estudo da subjetividade na saúde e na educação" da PUCAMP sob a direção do Prof. Dr. Fernando Gonzalez Rey.

supostos e adeptos e os incômodos causados junto a instituições reguladoras da sociedade, como a Igreja, o Estado e a família (Bergé, 1995; Carroy, 1991; Crabtree, 1993; Darntorn, 1968; Edelman, 1995; Ellenberger, 1970; Laurence e Perry, 1988; Tuiller, 2004; Vinchon, 1999).

Tais estudos levam a conceber que existiram inúmeros fatores que contribuíram para a rejeição do mesmerismo e que, mais que isso, os processos de ordem social ocuparam um lugar privilegiado em meio a essas construções. No presente artigo, pretende-se destacar como alguns desses processos, particularmente as práticas sociais e institucionais, contribuíram para a construção da marginalidade do mesmerismo, isto é, para que se tornasse uma prática condenável aos olhos da ciência e das principais instituições sociais na França do século XIX. Compreende-se que tais instituições, como a Igreja, o Estado e as academias científicas, encarnaram o princípio de regulação social² (Santos, 2000) como forma de manter a ordem social e epistemológica vigente, uma vez que o magnetismo animal se constituía como uma proposta ameaçadora nesse sentido. Em dois momentos diferentes serão destacadas as ressonâncias de práticas sociais em determinados contextos (Lyotard, 1979) que alimentaram a indisposição das instituições dominantes contra tal doutrina. No primeiro momento serão destacadas questões gerais sobre a associação com doutrinas mágicas, os dilemas epistemológicos, a associação com movimentos subversivos e algumas dificuldades das relações entre Mesmer e as instituições científicas enquanto no segundo, será conferida especial ênfase a como o papel da mulher e o teor erótico da relação terapêutica foram de grande importância para tal marginalização.

LIGAÇÕES PERIGOSAS

Um dos primeiros aspectos que chama a atenção na construção da marginalidade do sistema de Mesmer é seu parentesco com antigos sistemas renascentistas que uniam, numa mesma tentativa, os primeiros esboços da racionalidade científica e os antigos ensinamentos sobre a magia (Méheust, 1999; Michaux, 2001). O magnetismo animal de Mesmer (2005) encontrava-se assim em meio a uma tarefa espinhosa de buscar reunir duas tradições muito distintas e até opostas de pensamento: a da ciência ocidental, inspirada no paradigma cartesiano, e a da magia renascentista que remontava a todo um universo inóspito da subjetividade já conhecido de alguns nomes importantes como Maxwell e Paracelso (Bertrand, 2004; Koyré, 1971), com quem ele mesmo assumia não possuir qualquer ligação, mesmo que por meio da leitura. É bem verda-

de que Mesmer já havia praticado um verdadeiro exorcismo de tais sistemas ao desvencilhá-lo de noções como espíritos, demônios, elfos e salamandras a fim de torná-los mais aceitáveis diante da racionalidade científica (Ellenberger, 1970). Entretanto, seu sistema fundado na concepção de fluido invisível e incomensurável não deixava de se afigurar como um pressuposto de difícil aceitação para os critérios da época, basicamente por duas razões principais.

Por um lado o dito fluido encontrava uma relação direta com as condições orgânicas e, sobretudo, com o psíquico das pessoas envolvidas. Ao evocar noções como a vontade e a moral, Mesmer (2005) incluía a dimensão subjetiva, com todas seus processos marginais no cerne da cura, trazendo grandes problemas para as instituições médicas, cada vez mais interessadas em adaptar a medicina às exigências científicas vigentes, no caso voltadas para a exploração empirista do organismo físico. Assim, o mesmerismo consistia em um sistema que era permeado por noções subversivas à ordem epistemológica dominante como o sujeito, a vontade, a criação, a irregularidade, sem considerar a própria noção de fluido que, perante os olhos médicos mais exigentes, seria inexistente por não obedecer às mesmas regras físicas dos outros fluidos da natureza. Foi assim que a própria escolha metodológica se apresentou, em diversos sentidos, incompatível com as noções epistemológicas presentes no magnetismo animal. Enquanto este era imperceptível aos sentidos, fazendo-se conhecer apenas pelas curas que operava ao longo de um processo terapêutico, as comissões nomeadas pelo Rei procederam a um conjunto de procedimentos de cegos e duplos cegos nas quais os sujeitos deveriam detectar a presença do fluido por meio de alguma sensação física (Bertrand, 2004; Deleuze, 2004). Assim ocorreu com o jovem considerado sensível ao fluido que falhou nas tentativas de adivinhar qual pessegueiro estaria magnetizado dentre os vários pessegueiros de um pomar (Carroy, 1991). Os protestos dos adeptos e simpatizantes do mesmerismo no sentido de propor metodologias mais coerentes com as exigências do dito fluido foram literalmente ineficazes para sensibilizar as instituições científicas da época,³ o que permite considerar que a própria escolha metodológica já parecia de antemão anunciar um fracasso.

Por outro lado, o próprio contexto em que se desenvolviam inicialmente os tratamentos do mesmerismo mantinha, intencionalmente ou não, uma relação com as práticas místicas (Michaux, 2001). O *baquet*⁴ aí utilizado poderia ser facilmente comparável aos caldeirões de magos e o conteúdo (água magnetizada, limalhas de metal e enxofre), como os ingredientes de uma poção mágica, no caso específico, vol-

tada para a cura. Da mesma forma que entre seus ancestrais bruxos, a cena ritual consistiria numa forma de catalisar as energias do cosmos para serem direcionada por aqueles que fossem legitimados para tanto a fim de poderem obter sucesso em seus tentames. A própria presença da música de orquestra, utilizada como uma forma de facilitar a condução e preparação dos fluidos, poderia ser equiparada com os cânticos comuns nas expressões religiosas encontradas em variados períodos históricos. Em uma só palavra, o *setting* criado por Mesmer em nada se assemelhava à frieza dos hospitais e da assepsia médica, podendo mesmo causar repulsa nos adeptos mais radicais do casamento entre medicina e ciência, comuns nas sociedades médicas da época. Não foi sem razões que muitos médicos da época já se manifestaram contrários ao mesmerismo antes mesmo de conhecê-lo, condenando-o de antemão como um procedimento místico e não científico (Ellenberger, 1970; Laurence e Perry, 1988).

Entretanto, as querelas em torno do mesmerismo, longe de se manterem restritas ao plano científico, ganharam proporções mais amplas, implicando em grandes incômodos para as instituições sociais dominantes. A associação do mesmerismo com a maçonaria não incomodava apenas os amantes da ciência, quando, por exemplo, Mesmer insistiu para que suas instituições fossem oficializadas sob o nome de *Lojas* (Darntorn, 1968; Laurence & Perry, 1988). Ela implicava mesmo na associação com vários movimentos subversivos à ordem social estabelecida na França de Louis XVI que questionavam aspectos importantes dessa sociedade, a começar por sua acentuada estratificação social. Embora a maçonaria possuísse grupos de adeptos bastante heterogêneos (como nobres, clérigos e burgueses) foi justamente em seu seio que o mesmerismo ganhou espaço e se associou a doutrinas naturalistas que rezavam, sob a batuta de Rousseau (1995), a igualdade natural dos direitos dos homens. Embora Mesmer não tivesse maiores pretensões políticas em torno de sua doutrina, ela acabava se mostrando um poderoso e ideal instrumento para tais fins, como em Carras e Bergasse, para quem tanto a convivência social, como a saúde física dependiam de um processo de harmonização com a natureza perante a qual os homens seriam iguais em sua essência (Darntorn, 1968). Isso preconizava que a acentuada diferença de classes reinante na França da época era uma espécie de aberração, longe dos ideais das sociedades primitivas, que deveria ser tratada e curada como se procede a uma doença. O magnetismo de Mesmer se mostrava como uma ferramenta bastante interessante nesse sentido, pois a transmissão dos fluidos implicava num processo de sintonia com as forças

da natureza para devolver a harmonia aos corpos doentes e, de forma mais ampla, a uma sociedade doente. Não é sem razões que tais seguidores conferiram grande importância à relação entre o magnetismo animal, a educação e a política. O próprio nome de *Sociedades da Harmonia* idealizado por Mesmer para se referir a uma nova forma de medicina acabou sendo tomado como bandeira política por muitos de seus seguidores (Darntorn, 1968; Ellenberger, 1971).

Obviamente, uma credencial desse tipo não favorecia as melhores disposições diante das comissões nomeadas pelo Rei por várias razões. À princípio boa parte deles eram pessoas pouco simpáticas à causa do magnetismo animal como com as possibilidades de mudança política e social, até mesmo porque muitos de seus membros foram condenados durante a revolução francesa. Além disso, como os membros das comissões foram designados pela autoridade maior do Estado, o Rei Louis XVI, e poderiam mesmo se ver em situações nada interessantes caso seus achados pudessem, de alguma forma, apoiar movimento com tamanho potencial subversivo.

Mas havia também outro ponto que parecia pesar contrariamente ao mesmerismo: o questionamento da autoridade médica. O fim do século XVIII e o século XIX se caracterizaram por acentuadas críticas ao poder conferido aos médicos que nem sempre se viam acompanhados pela eficácia de seus tratamentos (Bergé, 1995). Foi assim que as curas espirituais, a homeopatia e propostas de uma medicina autônoma em que cada um seria médico de si,⁵ ganhavam espaço tanto entre burgueses e nobres, como entre camponeses, proletários e a imensa massa de desempregados. O mesmerismo, apesar de seu apelo quase desesperado de legitimação científica, compunha, aos olhos de muitos médicos, esse grosso e incômodo volume de terapias que preconizavam o uso de faculdades naturais dos indivíduos e poderiam ser praticados por qualquer pessoa, mesmo que não possuísse formação médica.

À essa altura, não eram apenas os médicos que se colocavam na defensiva e contribuíam de forma substancial para uma oposição forte e organizada contra o mesmerismo. A Igreja Católica, adversária de outras ocasiões das aspirações científicas, acomodava-se na mesma trincheira como aliada valiosa. Os embates entre Mesmer e o padre Hell, ainda em Viena, a respeito do uso de imãs no tratamento de doenças parecia ilustrar como seria a posição da Igreja com relação ao magnetismo animal (Crabtree, 1993; Ellenberger, 1970; Laurence e Perry, 1988). Para tal padre, transformado de aliado em inimigo, o magnetismo animal não era mais que uma ilusão, uma vez que suas observações deveriam se centrar em processos verificáveis,

como o magnetismo dos imãs, que dispensavam qualquer explicação fantástica. Essa tônica de negar o que fugisse à ordem estabelecida, fosse pela ciência, fosse pelas instituições dominantes que veiculavam a regulação social, foi a estratégia principal adotada pela Igreja, que se via extremamente incomodada com as possibilidades de mudança que ameaçavam o próprio sistema social mais amplo, onde gozava de um papel privilegiado (Laurence e Perry, 1988). Além disso, a associação entre mesmerismo e maçonaria também lhe soava como ameaçadora, uma vez que tal mistura parecia favorecer o surgimento de doutrinas espiritualistas alternativas,⁶ vindas do romantismo ou de seitas místicas antigas (Bergé, 1995).

O quadro desfavorável também foi consideravelmente alimentado numa dimensão microsocial marcada pelos contatos conflituosos entre Mesmer e as instituições de ciência de Paris, mesmo antes de serem constituídas as comissões nomeadas pelo Rei (Bertrand, 2004; Laurence e Perry, 1988). Numa das primeiras tentativas junto à *Académie de Sciences*, Mesmer havia se recusado a fazer uma exposição sobre o magnetismo animal diante de seus membros que sequer prestaram atenção às preleções de seu próprio presidente, o Sr. Leroy. Os contatos posteriores, com um número mais restrito de membros, foram igualmente improdutivos, uma vez que estes, sem compreenderem teoricamente o mesmerismo o consideraram sob a ótica do escárnio ou da imaginação. Já quanto às sociedades médicas, os conflitos foram ainda mais desfavoráveis, principalmente devido à inabilidade de Mesmer diante da disputa institucional entre a *Faculté de Médecine* e a *Société Royale de Médecine*. Esta última havia sido criada como uma forma de afrontar o poderio da *Faculté de Médecine* que, sendo anteriormente a única instituição a poder se expressar diante de curas e processos terapêuticos, abusava de seu conservadorismo, chegando mesmo a condenar o uso de medicamentos químicos. Não percebendo o clima dominante entre ambas, Mesmer aceitou que seus pacientes fossem avaliados pela *Société*, antes e depois do tratamento à base do magnetismo animal. Entretanto, impôs uma condição que se afigurou como uma verdadeira afronta à tal instituição: os mesmos pacientes deveriam também ser antes examinados pela *Faculté de Médecine*. Tamanha ingenuidade se constituiu como fator decisivo para a construção de uma imagem pejorativa de Mesmer e seu sistema. É muito provável que o ataque público feito a Charles d'Eslon, um dos mais proeminentes discípulos de Mesmer, tenha sido em muito incentivado pelo tumulto desses processos. Assim, após ser vítima de uma ridicularização em plena assembleia da *Faculté de Médecine*, d'Eslon foi suspenso por um ano e ameaçado de desli-

gamento definitivo caso continuasse a professar tal doutrina, enquanto os demais membros da academia foram constringidos a assinar um termo em que se comprometiam a não manter qualquer ligação com o magnetismo animal (Bertrand, 2004). Efetivamente a imagem de Mesmer e sua proposta estava mais comprometida entre tais instituições e dificilmente poderia contar com um contexto isento para ser julgada.

Tal julgamento fazia-se necessário por algumas razões que variavam desde a permanência de Mesmer na França, processo em que solicitava regalias junto à realeza, à pressão favorável de pacientes e adeptos influentes que apelavam ao poder maior, o Rei, uma intervenção que pudesse livrar o mesmerismo das inúmeras máculas que havia ganho (Ellenberger, 1970). Entretanto, um episódio se afigurou como um verdadeiro estopim para as inúmeras tensões aí reinantes: a morte de Court de Gébelin, ilustre adepto da causa, na própria residência de Mesmer, tentando a cura de doenças renais que tanto o faziam sofrer. É correto afirmar que os próprios médicos da época consideraram que não havia qualquer tratamento no mundo que pudesse curá-lo e mesmo salvá-lo devido ao estado crítico de seu quadro, mas isso não impediu que um grande alvoroço se instalasse nos mais distintos setores sociais e comprometesse ainda mais a prática do magnetismo animal. Afinal, caso se tratasse de uma prática nociva ou charlatã, era necessário que o Estado tomasse as devidas providências. Foi então que Louis XVI resolveu nomear duas comissões de cientistas para pôr um fim a tantas querelas, fazendo valer o papel do Estado de promover a harmonia social, bem distinta da preconizada pelos adeptos do mesmerismo. No entanto, o que talvez tenha passado despercebido para muitos historiadores da psicologia era que, em meio a tais cenários sociais, dificilmente uma resposta poderia ser isenta, movida pela imparcialidade, como tantas vezes chegam a sugerir (Barrucand, 1987; Figueiredo, 1992; Marx e Hillix, 1978; Morel, Bourgeron e Roudinesco, 2000; Roudinesco, 1986). Era preciso uma resposta que possuísse o poder de apaziguar sem que, necessariamente, estivesse comprometida com um diálogo aberto com as diversas possibilidades e exigências do real. Em suma, a ciência, comumente associada à isenção, acabou por se constituir em um precioso instrumento de silêncio que visava devolver a paz aos duros embates que se organizaram em torno do magnetismo animal.

As mulheres e o sexo

O mesmerismo trazia ainda uma perspectiva distinta enquanto tratamento terapêutico. Saindo da frieza típica e questionada dos ambientes médicos e aca-

dêmicos, suas expressões comportavam um alto teor catártico, provocando a estranheza e a condenação por parte de instituições, autoridades e profissionais (Crabtree, 1993; Ellenberger, 1970). É possível que o envolvimento relacional significativamente distinto entre o médico e sua clientela, comportando uma troca emocional acentuada, somada ao caráter teatral de muitos terapeutas, como o próprio Mesmer, promovessem possibilidades de expressão emocional pouco aceitas na sociedade da época, inclusive devido a seu teor erótico (Chertok e Saussure, 1996). Essa dimensão foi um dos principais pilares da condenação do mesmerismo, posto que originou um relatório secreto no qual as comissões sugeriam os perigos de sedução nele existente sobre as mulheres (Bailly, 2004).

Tal acento colocado sobre as mulheres reveste-se aqui de especial importância. Isso porque se tratava de um momento no qual a modernidade estivesse talvez no auge da aplicação de seus princípios mais importantes, comportando aí uma noção de família típica dos moldes burgueses (Ariès, 1995). Enquanto o homem representava a figura central do espaço público, de onde deveria exercer a função de prover, competir e se estabelecer, principalmente em termos de uma posição no mercado, à mulher era destinado o espaço privado do lar, no qual deveria exercer seus papéis de mãe e esposa. Era, assim, a figura frágil por natureza, responsável pelos cuidados dirigidos aos filhos, marido e casa e que deveria ser poupada do mundo competitivo e malicioso dos homens. No sistema social a posição da mulher acabava ocupando um lugar estratégico, pois era um dos principais sustentáculos do funcionamento familiar que garantia a coesão dessa unidade e a geração de cidadãos e cidadãs que poderiam contribuir para a geração de riquezas e formação de novas famílias (Ariès, 1995). Não foi sem razões que discursos como o de um amor materno instintivo, natural e inquestionável ganharam tanta repercussão em tais sociedades e atrelaram as mulheres aos filhos e ao lar (Arraes, 2005).

Nesse cenário, a prática do magnetismo animal, em que boa parte de sua clientela era composta por mulheres, trouxe problemas que em muito contribuíram para sua marginalização. Basicamente, havia duas grandes razões nesse sentido (Crabtree, 1993; Ellenberger, 1970; Laurence e Perry, 1988). Em primeiro lugar, havia a dimensão catártica já mencionada, na qual as pacientes poderiam ser expostas ao público e talvez comprometer sua imagem principalmente no que se referisse ao recato e à pureza, requisitos fundamentais para as mulheres de família. Em segundo lugar, havia um aspecto mais preocupante em que os pacientes costumavam demonstrar uma grande submissão a seus médicos, o que poderia supor um poder

abusivo da parte destes. Foi assim que, durante um interrogatório junto ao comissário de polícia de Paris, em meio às querelas reinantes à época das comissões, d'Esilon admitiu ser possível que o magnetizador se utilizasse de seu poderio para comprometer a decência de suas pacientes (Bertrand, 2004). Nessa mesma perspectiva, a comissão acabou por considerar, em seu relatório secreto (Bailly, 2004), que o magnetismo animal poderia permitir um poder ao médico capaz de se impor à vontade de suas pacientes e conseguir junto às mesmas realizar seus desejos sexuais. Como as mulheres eram aí consideradas frágeis por sua própria natureza, o mesmerismo consistiria numa prática nociva, tanto em termos de sua saúde como de sua moral, o que justificava sua necessária proibição. Tamanho foi o impacto dessa discussão que a própria hipnose, herdeira direta do mesmerismo, mais de uma vez assumiu posição defensiva, principalmente para afirmar que um tal poder não seria possível (Melchior, 1998).

O que se destaca nessa polêmica é como que um processo ligado tecnicamente à relação terapêutica acabou por se configurar como um dos principais motivos de ataque ao magnetismo animal (Carroy, 1991; Edelman, 1995). É curioso observar como que um conjunto de elementos, muitas vezes permeados pelo erotismo e hoje reconhecidos como integrantes do processo terapêutico,⁷ acabou ganhando um sentido pejorativo, em termos de um potencial de corrupção moral das pacientes. Desse modo, cunhavam-se várias justificativas morais contrárias à prática do magnetismo animal no tocante à figura das mulheres, tão importantes no cenário da sociedade francesa do século XIX. Nessas perspectivas, elas eram as responsáveis pela educação das crianças e do equilíbrio familiar de maneira que sua imagem não poderia estar veiculada a espetáculos, por vezes teatrais, onde sua imagem pudesse ser comprometida (Carroy, 1991; Edelman, 1995). Além disso, os próprios médicos entendiam que a prática do mesmerismo poderia contribuir significativamente para a degradação da imagem feminina, fosse pelo desgaste de sua saúde, na qual os nervos eram mais frágeis que os dos homens, fosse pelo risco de serem molestadas sexualmente (Bailly, 2004). Em suma, todo o teor erótico ou catártico típico dos pacientes em torno do *baquet* não consistiam, para os médicos da época, em elementos inerentes a um processo terapêutico, mas na possibilidade de abuso dos pacientes, inclusive os femininos.

Uma vez que se criava um tal contexto, quaisquer elementos referentes às relações humanas no mesmerismo poderiam ser facilmente qualificado como uma perversão dos valores sexuais. Numerosos panfletos, anônimos ou de autoria conhecida, foram escri-

tos com acusações contra Mesmer e seus seguidores, embora nenhuma denúncia tenha sido feita ou nenhum fato tenha sido comprovado nesse sentido (Laurence e Perry, 1988). Entretanto, o tema não deixava de incomodar profundamente o médico austríaco, principalmente no tocante aos rumores existentes em torno de uma jovem pianista cega que havia tratado ainda em Viena. Nessa tumultuada história, a jovem Maria Theresia Paradis⁸ havia sido um dos principais motivos para a saída humilhante de Mesmer de seu país, em meio a uma série de conflitos entre ele, a família da jovem, os médicos vienenses e a suspeita de um caso amoroso entre médico e paciente. Coincidentemente ou não, esse ingrediente corrosivo viria a complicar ainda mais a situação de Mesmer, uma vez que, em meio às querelas originadas pela condenação, a jovem pianista ofereceu um belo concerto em Paris no qual o reencontro com seu antigo médico ao final do espetáculo foi profundamente doloroso para ele, pelo constrangimento que isso lhe causou aos olhos críticos do público (Ellenberger, 1970; Tuillier, 2004).

Força das circunstâncias ou do acaso, tal acontecimento vem exatamente no auge de uma crise talvez para sacramentar ainda mais a retirada de Mesmer⁹ e lançar um duro golpe contra sua doutrina. O episódio envolvendo a senhorita Paradis representava não apenas uma insatisfação de setores sociais com a proposta ambiciosa de Mesmer, mas principalmente um poderoso contragolpe das forças de regulação social que se ergueram com vigor contra as possibilidades subversivas do magnetismo animal (Bertrand, 2004; Darntorn, 1968). Ele parecia encarnar a defesa de um discurso – sobre a mulher como rainha do espaço privado – ao mesmo tempo em que servia de munição para justificar ainda mais o mesmerismo como prática condenável moralmente. Uma vez que uma tal oposição se erguia, construía-se uma perspectiva na qual a confirmação se fortificava ainda mais não permitindo que outros acontecimentos pudessem contradizê-la. Assim, não importava que o magnetismo animal fosse praticado por médicos respeitáveis, que pudesse ser bem sucedido em alguns casos e que suas pacientes (sempre em evidência) não levantassem qualquer queixa contra ele, pois o que ganhava sentido entre os que partilhavam tal perspectiva era apenas aquilo que pudesse confirmar seu caráter corruptor e pejorativo. Em nome das mulheres, como em nome da ciência, o magnetismo animal sofreria um processo de condenação que perdurou e se efetivou plenamente em meados do século XIX, de balde o esforço de muitos nomes, como Puysegur, Deleuze e Bertrand que viam nele a possibilidade de mudança de paradigma e prática social (Méheust, 1999).

CONCLUSÃO: POR UMA NOVA FORMA DE REFLETIR SOBRE A HISTÓRIA

Um dos principais objetivos deste trabalho foi o de demonstrar que a construção da marginalidade do mesmerismo não se deu apenas em função das incompatibilidades metodológicas e epistemológicas com a racionalidade dominante, mas foi também profundamente influenciada pelo contexto, práticas e instituições sociais da época. Além de uma indisposição pessoal criada entre Mesmer as instituições científicas, o magnetismo animal aliava-se a práticas subversivas, como a magia e o espiritualismo, a instituições suspeitas, como a maçonaria, associava-se a noções indesejáveis, como as renascentistas, e acabava questionando pontos centrais da ordem regulatória vigente, fosse em termos de uma epistemologia cartesiana (Méheust, 1999), fosse em termos da própria estratificação social (Darntorn, 1968) ou da autoridade médica (Carroy, 1991; Bergé, 1995). Ao mesmo tempo, a forma como a mulher era inserida em seus *settings* acabava por trazer profundos incômodos aos projetos de sociedade veiculados pela Igreja e pelo Estado (Carroy, 1991; Edelman, 1995). Sob um contexto tão desfavorável, seria difícil que sua proposta não enveredasse pela marginalidade e ganhasse uma visibilidade cada vez mais negativa em termos de história da psicologia.¹⁰

Tal reflexão traz à tona a perspectiva de que existe uma necessidade premente de revisão histórica na psicologia. Isso implica em um processo de aprofundamento crítico que permita um novo olhar sobre os caminhos tortuosos percorridos para que tal ciência se erguesse e conquistasse sua legitimidade. Nesse ponto, as querelas em torno do mesmerismo são de grande relevância para o projeto científico da psicologia, pois permitem conceber que a construção da legitimidade ou da marginalidade não se restringe ao *setting* do laboratório (ou mesmo de um consultório psicoterápico), mas a todo um conjunto de processos que os perpassam, contaminam e influenciam em determinadas direções. Semelhante revisão histórica não se refere simplesmente a uma coleta de novos fatos, personagens e acontecimentos, mas em uma nova atitude de reflexão epistemológica sobre a própria psicologia que permita colocar em questão a linearidade progressiva que tem caracterizado as referências históricas dessa ciência (Méheust, 1999; Stengers, 2001). Em suma, uma atitude consciente diante da própria história, como os clínicos promovem junto a seus clientes em suas práticas cotidianas, requer um olhar reflexivo sobre os próprios pressupostos que sustentam os projetos científicos da psicologia, como de suas múltiplas relações com o cenário sociocultural.

REFERÊNCIAS

- Ariès, P. (1995). *História social da criança e da família*. (D. Flaksman, Trad.). Rio de Janeiro: LTC.
- Arrais, A. (2005). *As configurações subjetivas da depressão pós-parto: para além da padronização patologizante*. [Tese de Doutorado], Curso de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade de Brasília.
- Bailly, J.-S. (2004). Rapport secret sur le mesmérisme, ou magnétisme animal. In A. Bertrand (org.). *Du magnétisme animal en France*. (pp. 235-240). Paris: Harmattan. (original publicado em 1826).
- Barrucand, D. (1987). *Histoire de l'hypnose en France*. Paris: Puf.
- Bergé, C. (1995). *L'au-delà et les lyonnais*. Lyon: Ludg.
- Bersot, H. (2005). Mesmer et le magnétisme animal. S. Nicolas (org.). *Mémoire sur la découverte du magnétisme animal*. (pp. XXVII-CXXVIII). Paris: Harmattan. (Original publicado em 1853).
- Bertrand, A. (2004). *Du magnétisme animal en France*. Paris: Harmattan. (original publicado em 1826).
- Carroy, J. (1991). *Hypnose, suggestion et psychologie. L'Invention du sujet*. Paris: Puf.
- Chertok, L., & Saussure, R. (1996). *Naissance du psychanalyste*. Paris: Synthélabo.
- Chertok, L., & Stengers, I. (1989). *Le Coeur et la raison. L'hypnose en question. De Lavoisier à Lacan*. Paris: Payot.
- Crabtree, A. (1993). *From Mesmer to Freud: magnetic sleep and the roots of psychological healing*. New Haven: Yale University Press.
- Darntorn, R. (1968). *Mesmerism and the end of enlightenment in France*. Cambridge: Harvard University Press.
- Deleuze, J. P. F. (2004). *Histoire critique du magnétisme animal*. Paris: Harmattan. (original publicado em 1813).
- Edelman, N. (1995). *Voyantes, guérisseuses et visionnaires en France (1785-1914)*. Paris: Albin Michel.
- Ellenberger, H. (1970). *The discovery of the unconscious. The history and evolution of dynamic psychiatry*. New York: Basic Books.
- Figueiredo, L. C. (1992). *A invenção do psicológico. Quatro séculos de subjetivação (1500-1900)*. São Paulo: Escuta/Educ.
- Jussieu, L. (2004). Rapport de l'un des commissaires charges par le roi de l'examen du magnétisme animal. In A. Bertrand (org.). *Du magnétisme animal en France*. (pp. 119-150). Paris: Harmattan. (Original publicado em 1826).
- Koyré, A. (1971). *Mystiques allemands du XVI siècle*. Paris: Gallimard.
- Laurence, J.-R., & Perry, C. (1988). *Hypnosis, will & memory. A psycho-legal history*. New York: Guilford Press.
- Liotard, J. (1979). *La condition postmoderne*. Paris: Minuit.
- Marx, M., & Hillix, W. (1978). *Sistemas e teorias em psicologia*. (A. Cabral, Trad.) São Paulo: Cultrix. (Original publicado em 1973).
- Méheust, B. (1999). *Somnambulisme et médiumnité. Le défi du magnétisme*. Paris: Synthélabo/Seuil.
- Melchior, T. (1998). *Créer le reel. Hypnose et thérapie*. Paris: Seuil.
- Morel, P.; Bourgeron, J. P., & Roudinesco, E. (2000). *Au-delà du conscient. Histoire illustrée de la psychiatrie et de la psychanalyse*. Paris: Hazan.
- Roudinesco, E. (1986). *La bataille de cent ans: Histoire de la psychanalyse en France*. Paris: Seuil.
- Rousseau, J. J. (1995). *Discurso sobre a origem e fundamentos da desigualdade entre os homens*. Men-Martins: Europa-América. (Original publicado em 1745).
- Santos, B. S. (2000). *A crítica da razão indolente*. São Paulo: Cortez.
- Stengers, I. (1996). *La volonté de faire science. À propos de la psychanalyse*. Paris: Synthélabo/Seuil.
- Stengers, I. (2002). Qu'est-ce que l'hypnose nous oblige à penser? *Ethnopsy*, 3, 10-69.
- Tuillier, J. (2004). *Franz Anton Mesmer ou l'extase magnétique*. Paris: Phoebus.
- Vinchon, J. (1999). *Mesmer et son secret*. Paris: Harmattan.

Notas:

- 1 Franz Anton Mesmer, médico austríaco, acreditava na existência de um fluido magnético presente na Natureza que poderia ser transmitido entre as pessoas com propósitos terapêuticos. Para avaliar sua proposta, Louis XVI nomeou duas comissões de cientistas. A primeira, composta por Borie, Sallin, d'Arcet e Guillotin (*da Faculté de Médecine*) e por Bailly, Lavoisier, LeRoy, Bory e o então embaixador americano, Benjamin Franklin (*da Académie des Sciences*) e a segunda comissão por membros da *Société Royale de Médecine*, como Poissonnier, Caille, Mauduyt, Andry e o naturalista Laurent de Jussieu (Laurence & Perry, 1988). Com isso o rei vivava por fim às polêmicas acirradas existentes em torno do mesmerismo.
- 2 Segundo Santos (2000) regulação consiste em pólo de organização da sociedade voltado para a manutenção das ordens vigentes, sejam em termos de conhecimento ou de práticas sociais. O princípio oposto é o da emancipação.
- 3 Nesse sentido, as querelas que se desenvolveram em torno de Jussieu (2004) são bastante ilustrativas. Este membro dissidente de uma das comissões utilizou-se de uma metodologia de observação de campo e chegou a resultados distintos. Para ele, além do toque, da imitação e da imaginação haveria também outro agente oculto que designou *calor animal*. No entanto, seus resultados não encontraram repercussões significativas no seio das instituições científicas.
- 4 *Baquet* consistia em uma espécie de tina ou barril de madeira onde eram colocados água magnetizada e, eventualmente, outros elementos. Dele saiam pequenos cordões, seguros na extremidade pelos pacientes, que serviriam de condutores para o fluido.
- 5 Tal foi o caso de Raspail (apud Bergé, 1995) que produziu um *Manual para a Saúde* muito popular entre as classes operárias.
- 6 Semelhante fervilhamento cultural acabou favorecendo o surgimento de um movimento que se configurou como grande adversário da Igreja Católica: espiritismo de Allan Kardec na segunda metade do século XIX (Bergé, 1995; Carroy, 1991; Edelman, 1995).
- 7 Este problema também foi freqüente na obra de Freud (1996). Entretanto, além do cenário social distinto, ele buscou uma organização institucional e teórica bastante distinta dos magnetizadores o que permitiu sua sobrevivência e a vitória da psicanálise como um pensamento dominante na psicologia (Chertok & Stengers, 1989; Stengers, 1996).
- 8 Tratava-se de uma jovem cega que se submeteu ao tratamento sob a responsabilidade de Mesmer, hospedando-se em sua casa. Segundo Mesmer (2005), diante de várias testemunhas, a jovem relatou e demonstrou estar melhorando de sua visão. Entretanto, como sua família temia a perda de algumas regalias (pensão do Rei) caso ela fosse curada, seu pai interrompeu o tratamento e acusou Mesmer de charlatanismo no que foi apoiado por vários médicos. Curiosamente ou não, Mesmer deixou Viena, abandonou sua mulher e ficou por quase dois anos isolado, curando-se de uma forte depressão (Ellenberger, 1970).
- 9 Após buscar abrigo junto a alguns países, Mesmer finalmente se fixou às margens do lago Constance, na Suíça, onde teve uma velhice tranqüila e serena (Ellenberger, 1970; Vinchon, 1999). Entretanto, o magnetismo ainda atravessaria o século XIX tomando ainda outros formatos sob a inspiração de discípulos valorosos, como Puységur e Deleuze que fizeram reformulações importantes a partir das críticas recebidas, como quanto ao lugar da mulher no processo terapêutico (Laurence e Perry, 1988; Méheust, 1999).
- 10 Dois possíveis herdeiros do magnetismo animal são o espiritismo de Allan Kardec e a hipnose, ambos profundamente marginalizados em termos de ciência. O primeiro há muito tempo se distanciou da academia e da pesquisa científica, contrariamente a seu projeto original (Bergé, 1995) e a segunda, embora tenha sido retomada com vigor no século XX, ainda apresenta problemas epistemológicos graves e subversivos que lhe custam muitos estereótipos entre os cientistas, particularmente os psicólogos (Stengers, 2001).

Recebido em: maio/2007. Aceito em: mar./2008.

Autor:

Maurício da Silva Neubern – Doutor em Psicologia, Instituto Milton H. Erickson de Brasília.

Endereço para correspondência:

MAURÍCIO DA SILVA NEUBERN
SQS 408 BL T ap. 206L
CEP 70257-200, Brasília, DF, Brasil
Tel.: (61) 9994-1393